



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

ELABORAÇÃO DE REGRAS ESCOLARES: AS ARTES DE FAZER DO CORPO DISCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR

Rejanira Alves Gertrudes
UFPB
gertrudesrejanira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nessa breve discussão, dialogarei com Diana Milstein & Héctor Mendes (2010) autores argentinos, que trabalham com a perspectiva do cotidiano escolar e com a presença do corpo no cenário (simbólico e físico) educacional.

-----Tomaz Tadeu da Silva (1999) nos possibilita contextualizarmos as características multifacetárias do currículo. Stuart Hall (2013), nos fornece uma reflexão sobre as identidades desconstruídas ao longo da vida dos sujeitos.

Em todo o texto estará presente a contribuição de Michel de Certeau (2007), a fim de dialogar como são perceptíveis as “*artes de fazer*” dos sujeitos, atenuando para as resistências implícitas e explícitas através de *astúcias* cotidianas, analisando dessa forma os “consumos”.

Este trabalho tem por objetivo analisar o cotidiano escolar, percebendo como os sujeitos relacionam-se entre si nesse ambiente, com a intenção de analisar e perceber como os alunos resistem às regras/limitações que lhes são colocadas, reagindo de forma astuta e sorradeira, confrontando-se de forma implícita, provocando rachaduras e utilizando oportunidades para saírem do cenário padronizante que as regras escolares estabelecem.

METODOLOGIA

Para as análises desta pesquisa, foram utilizadas fontes documentais da Escola Francisca Martiniano da Rocha, com base em seu último Projeto Político Pedagógico (PPP), o documento oficial que regem as regras escolares



intitulado de “Orientações da Chica”, as fichas escolares dos alunos e as atas das reuniões escolares.

A fonte oral torna-se essencial para a elaboração deste trabalho, entendendo que “essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir. Além de nos possibilitar o conhecimento de diferente ‘versões’ sobre determinada questão” (FREITAS, 2002, p.50).

Nesse sentido, as entrevistas foram transcritas e analisadas, com o objetivo de captar as experiências dos sujeitos no cotidiano escolar e nas multiplicidades de contextos que os constituem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos que não existe um currículo neutro. Ele se desenvolve através de instrumentos de persuasão implícitos e explícitos que promovem visões de mundo e valores, atuando diretamente e indiretamente na formação de identidades, além de interagir na montagem dos regimentos internos das instituições escolares, pois,

Currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes (SILVA, 1999, p.78).

Desta forma, ressaltamos a conveniência de currículos humanizados, voltados às necessidades da sociedade vigente, de novos padrões e modelos de família diversificados, assim como valores culturais múltiplos, e não apenas pautados em regras de conduta, fundamentos e conteúdos programáticos a serem desenvolvidos durante o ano letivo.

As regras escolares da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Martiniano da Rocha, situada no município de Lagoa Seca (PB), são denominadas de Orientações da Chica. Esse documento é iniciado apenas com um texto reflexivo de Carlos Drummond de Andrade “Recomeçar” e os demais referindo-se às disciplinas e normas a cumprir como horários, dias letivos, especificações dos fundamentos e outras exigências.

As ações dos estudantes analisados se desenvolveram de forma sorrateira através de uma farda mais customizada, saída de cinco minutos da



sala de aula antes do toque oficial, entre outras sutilidades que passavam despercebidas às autoridades. Eram instantes de autonomia conquistada nos “pulinhos” formas de reagir, criar brechas no cotidiano e espaços de sobrevivência e, ao mesmo tempo, desmontar o lugar de poder do outro, (elaborando táticas... Continue o pensamento) as quais, de acordo com Certeau (2007) definem-se como

Entendemos o conceito de “tática” segundo Michel Certeau que a define como sendo:

Um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem aprendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância (CERTEAU, 2007, p.46).

Portanto, os instantes silenciosos e essas brechas que os alunos reinventavam como forma de reagir a regras e vigilâncias eram utilizadas em seu benefício, pois nessas camuflagens os sujeitos destacavam-se da homogeneidade dos demais, como podemos perceber na fala de uma aluna do 2º D manhã, que pediu para não ser identificada:

No mês de março desse ano chegaram na escola bancos e mesa de cimento e as colocaram debaixo das árvores, fazia tempo que algo novo e prático chegasse na escola todo mundo adorou aquela novidade porque além de deixar a escola mais bonita e um espaço interessante pra gente passar o tempo livre, colocar os papos em dia, tira foto para posta no facebook [...]. Mas o que ninguém esperava e que essas maravilhas não iam servir para nada, por causa das benditas regras, quando eu e minhas amigas fomos aproveitar a novidade nossa alegria não durou um minuto lá vem o diretor cheio de moral, manda agente sair porque disse que os alunos só podiam senta lá no horário do intervalo [...]. Pense numa raiva estávamos de aula vaga, a biblioteca tava fechada e não tinha outra coisa pra fazer [...] Nós sempre terminamos as atividades primeiro pedíamos aos professores da 3ª aula pra nos liberar uns dez ou cinco minutos, antes de tocar o intervalo, e o resultado foi que agente conseguia sentar e aproveitar um pouquinho os bancos, nos reversavamos enquanto umas pegariam o lanche as outras guardavam o lugar, e o melhor e que a diretora não podia reclamar com a gente porque os professores que nos tinha liberado e já tava quase tocando o sinal [...]¹

Nas palavras da aluna torna-se perceptível como os alunos são fugazes e astuciosos. Eles agem nas brechas, aproveitam as oportunidades para burlar

¹ Entrevista concedida à autora no dia 29 de abril de 2013. E transcrita de forma fiel a fala.



as determinações, reinventando fronteiras e usando o lugar² que não lhe foi direcionado para fazer dele um próprio, a fim de criar espaços³.

Stuart Hall (2013) possibilita uma discussão sobre *sentido de si* e sua crise. Os sujeitos, nesse sentido, não são unificados, mas descontínuos, inacabados se identifica a partir da circunstância do que ele “não é”, uma vez que,

Esta concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos (HALL, 2013, p. 108).

Os autores argentinos Diana Milstein e Héctor Mendes (2010), enfocam o processo de ensino aprendizagem localizando a importância e presença do corpo nesse cenário educacional:

Decorre disso a importância de compreender que os limites que o espaço físico impõe, tanto os fixos – paredes, portas, janelas etc. – como os relativamente móveis – mobiliário – não estabelecem fronteiras totalmente intransponíveis, nem determinam características que por si só expressam o sentido disciplinador da escolar (MILSTEIN E MENDES, 2010, p. 54-55).

Nessa perspectiva, percebemos que mais importante do que elaborar e fazer com que os alunos as cumpram, é mostrar e esclarecer a importância e os objetivos das normas para o cotidiano escolar. Dessa forma, os alunos não apenas estariam apenas incumbidos a “seguir” as regras, mas poderiam interagir com estas e observar seus benefícios para o funcionamento da escola.

CONCLUSÃO

²Segundo Michel Certeau um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 2007, p.201).

³Para Michel de Certeau o espaço é um cruzamento. [...] Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado. (idem, p.202)



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Diante dessa breve discussão sobre o cotidiano escolar, identidades dos sujeitos e a disciplina, compreendemos que é necessário contextualizar um ensino/currículo envolvido diretamente para as formas da ação humana.

O cotidiano escolar se desenha na interação entre os sujeitos e os espaços (simbólicos e físicos), e suas carências cotidianas.

Não pretendemos abolir as regras escolares e colocar sobre elas toda a responsabilidade do fracasso e desinteresse escolar dos alunos.

Com o exposto, evidencia-se a necessidade da elaboração das regras escolares a partir de um princípio democrático.

Os discentes são agentes de suas histórias, sabem burlar papéis, comportamentos e regras aproveitando as oportunidades.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. 13. ed. Ephraim Ferreira Alves[trad.]. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MENDES, Héctor&MILSTEIN, Diana. **Escola, corpo e cotidiano escolar**. Tradução Ana RATTO, Lucia Silva. Revisão TerumiKoto Vilalba. São Paulo: Cortez, 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa identidade? . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13. ed. Petrópolis, R. J: Vozes, 2013;

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
